



PROJETO DE INTERVENÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL COM EDUCADORAS E ALUNOS DE UMA PRÉ-ESCOLA

Ana Claudia Bortolozzi Maia¹

Marcela Pastana²

Patricia Cristine Pereira²

Raquel Baptista Spaziani²

RESUMO

A sexualidade infantil é um tema polêmico entre educadores de pré-escolas. Este texto descreve um projeto de extensão que observou a manifestação da sexualidade de crianças em uma pré-escola e interveio oferecendo um espaço de diálogo, reflexão e esclarecimento sobre sexualidade na infância. Participaram do trabalho sete educadoras e as crianças da pré-escola. Observou-se entre: (1) Educadoras: propostas de brincadeiras diferenciadas pelo gênero, a indisciplina tolerada nos meninos, vigília contra a homossexualidade, incentivo constante da vaidade e da estética feminina. (2) Crianças: estereótipos sexistas, manifestações de racismo e preconceito, curiosidade e interesse sobre o corpo e sexualidade, uso de palavrões, preocupações com a estética do próprio corpo. A formação com as professoras discutiu questões teóricas e práticas sobre o desenvolvimento da sexualidade na infância e a educação sexual de seus alunos. O projeto evidenciou que o trabalho de educação sexual pode ser realizado de modo pedagógico e ético na pré-escola.

Palavras-chave: Sexualidade infantil. Educação Sexual. Formação de professores.

INTERVENTION PROJECT IN SEXUAL EDUCATION WITH PRE-SCHOOL EDUCATORS AND STUDENTS

ABSTRACT

Abstract: Childhood sexuality is a polemic theme among pre-school educators. This text describes an extension project that aimed to observe the manifestation of children's sexuality in a pre-school and to intervene by offering a space for dialogue, reflection and better understanding about childhood sexuality. The participants were seven teachers and whole group of children from a selected pre-school. It was observed (1) among the educators: the different games applied according to gender; how tolerant the teachers were regarding to boys bad behavior; vigilance against the homosexuality and constant motivation to female vanity and beauty. (2) Among the children: sexist stereotypes; manifestations of racism and prejudice; curiosity and interest about the body and sexuality and the use of insulting words concerning body beauty. The teacher education discussed theoretical and practical issues about the development of the sexuality in the childhood and the sexual education of their students. The project observed that a sexual education project can be put into practice in a pedagogical and ethical way in a pre-school environment.

Keywords: childhood sexuality, sexual education, teacher education.

¹ Departamento de Psicologia; Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem.

Área de atuação: educação sexual; educação especial; sexualidade e desenvolvimento; inclusão escolar

² Discente; estagiária. Curso de Psicologia. Departamento de Psicologia. FC-UNESP, Bauru



PROYECTO DE INTERVENCIÓN SOBRE LA EDUCACIÓN SEXUAL CON LOS EDUCADORES Y ESTUDIANTES EN UNA ESCUELA DE PRESCOLAR

RESUMÉN

La sexualidad infantil es un tema controvertido entre los educadores. Este trabajo describe un proyecto de intervención que tenía por objeto observar la manifestación de la sexualidad de los niños en edad preescolar e intervenir y proporcionar un foro para el diálogo, la reflexión y lo esclarecimiento sobre el desarrollo sexual infantil. Los participantes fueron cuatro profesores y los niños de edad preescolar. Se observó: (1) Los educadores: propuestas de actividades diferenciados por género, tolerancia respecto a la indisciplina entre los niños, vigilia contra la homosexualidad y el estímulo constante de la vanidad y la estética. (2) Niños: los estereotipos de género, manifestaciones de racismo y prejuicios, la curiosidad y el interés sobre el cuerpo y la sexualidad, uso de malas palabras y preocupación por la estética del cuerpo. La formación ofrecida a los maestros discutió cuestiones teóricas y prácticas sobre el desarrollo de la sexualidad infantil y la educación sexual de sus estudiantes. El proyecto demostró que un trabajo de la educación sexual puede ser realizado de manera pedagógica e ética en preescolar.

Palabras claves: Sexualidad infantil. Educación Sexual. Formación del profesorado.

INTRODUÇÃO

A sexualidade se manifesta ao longo de toda a nossa vida. Desde que nascemos, é por meio do corpo que sentimos e conhecemos o mundo. Quando bebês, é na amamentação, no banho, com as trocas de olhares e carinhos que sentimos prazer e construímos nossos vínculos ([EGYPTO, 2009](#); [SILVA, 2007](#)). Nossos primeiros anos de vida são de grande aprendizado, e a forma como as manifestações da sexualidade são vivenciadas se refletirá nas concepções sobre sexualidade na vida adulta. A sexualidade das crianças é mediada pela cultura, na educação que a criança recebe em casa, na escola e no contato com os meios de comunicação e é modelada, em grande parte, de modo nem sempre explícito, por padrões existentes na sociedade presentes nas falas, nos gestos e nas condutas cotidianas ([CAMARGO; RIBEIRO, 1999](#); [MAIA; MAIA, 2005](#); [RIBEIRO, 1996](#); [SILVA, 2007](#)).

Assim, no dia-a-dia da escola e em casa, as crianças manifestarão comportamentos relacionados ao seu aprendizado das questões sexuais. É um momento de descoberta do próprio corpo e do corpo do outro, por meio dos jogos sexuais infantis, da masturbação, da curiosidade em observar os outros, das conversas sexuais em grupo, do emprego de palavras supostamente obscenas, dos bilhetes e desenhos sexuais, da fase dos encontros clandestinos e do exibicionismo. São situações em que há aprendizagem, experimentação e o prazer da descoberta ([MAIA; MAIA, 2005](#)).

No entanto, ainda é forte a ideia da criança como inocente, pura, ingênua e assexuada, como um ser que precisa ter essa inocência preservada. Os assuntos sobre sexualidade são tratados como algo perigoso, a serem evitados, escondidos, mantidos fora do alcance das crianças. Embora haja o temor, por parte de alguns pais e



educadores, de que o diálogo aberto possa estimular precocemente a sexualidade da criança, na realidade isso é um equívoco, pois as crianças têm tido acesso, cada vez mais precocemente, a informações sobre sexo e sexualidade, principalmente pela exposição constante do tema na televisão, o que as leva, já na pré-escola, a manifestarem essa curiosidade em conversas com outras crianças ([RIBEIRO, 1990](#)). Assim, a curiosidade e o prazer da criança em descobrir o corpo acabam se confundindo com informações distorcidas que, se não são discutidas, resultam em situações em que imperam zombarias ou embaraço e desconforto, ao invés da aprendizagem e do esclarecimento ([FURLANI, 2005](#); [GUERRA, 2005](#); [MAIA; MAIA, 2005](#)).

É comum que muitos adultos demonstrem constrangimento em nomear os órgãos sexuais, sendo frequente o uso de apelidos e metáforas para se referir ao corpo e às práticas corporais. Para muitos pais e professores, as manifestações da sexualidade infantil são aflitivas, e, muitas vezes, eles reagem tentando “encobrir” a situação, fingindo não ter visto, propondo outra atividade ou repreendendo diretamente, o que reflete o despreparo pessoal, provavelmente relacionado à educação repressora e punitiva que é comum na educação sexual que receberam. Por isso, é essencial que os adultos reflitam sobre a sua própria infância, as suas dificuldades e limites em relação à sexualidade e à necessidade de formação nesta área ([FIGUEIRÓ, 2009](#); [MAIA; SPAZIANI, 2010](#); [RIBEIRO, 1990](#); [RIBEIRO, 1996](#)).

A família e a escola são importantes instituições para produzir, na socialização da criança, o aprendizado sobre sexualidade, considerando também as questões de gênero. Há vários estereótipos rígidos sobre o que é ser menino e menina em nossa cultura, sendo frequente a imposição de expectativas sociais, reforçando padrões dentro do que é considerado “normal” ([MAIA, 2008](#)). Corresponder a essas expectativas representa um alto custo emocional que as crianças enfrentam com dificuldade. A socialização sexista prepara meninos e meninas para corresponderem aos padrões de gênero rígidos; no contexto da escola, grande parte das atividades lúdicas das meninas estão relacionadas à família e à vida doméstica, enquanto que, dos meninos, esperam-se atitudes de agressividade, audácia, conquista, segurança, rudeza, racionalidade, força e independência, com o que se estimulam comportamentos e interesses nesse sentido. Tais modelos são aprendidos e reproduzidos por meio de práticas rotineiras e comuns, como brinquedos e brincadeiras, filmes e desenhos animados, livros e histórias, músicas e discursos ([FELIPE; BELLO, 2009](#); [FURLANI, 2005](#); [GUERRA, 2005](#); [MAIA; MAIA, 2005](#); [NOLASCO, 1993](#); [SABAT, 2003](#); [WHITAKER, 1995](#); [WOLFF, 2006](#)), comuns no espaço da pré-escola.

A Educação Sexual como uma proposta pedagógica nas escolas é uma prerrogativa do governo federal ([BRASIL, 1998](#)) que deveria se estender à educação infantil. Além de esclarecer tópicos como “corpo humano”, “reprodução e saúde sexual”, entre outros, deveria promover também uma reflexão sobre as questões de gênero, de forma a criar situações educativas que permitam pensar a diferença e desconstruir padrões hegemônicos que reforçam o preconceito e desconsideram a imensa variabilidade de possibilidades de conduta própria dos seres humanos.

A sexualidade na infância é, portanto, parte do desenvolvimento humano, e envolve manifestações prazerosas, saudáveis e importantes para a saúde psicosssexual. Comportamentos relacionados à sexualidade, assim como dúvidas e inseguranças, são frequentes no cotidiano da criança, na escola e em casa, mas, muitas vezes, os adultos



não sabem como lidar com a questão, agindo de forma omissa ou repressora, com informações inadequadas e/ou fantasiosas ([CAMARGO; RIBEIRO, 1999](#); [FIGUEIRÓ, 2009](#); [GUERRA, 2005](#); [MAIA; MAIA, 2005](#); [RIBEIRO, 1996](#); [SAYÃO, 1997](#); [SILVA, 2007](#)). Diante da importância de uma formação mais adequada nessa temática, por meio de informações e esclarecimentos, este projeto de Educação Sexual na Educação Infantil foi realizado com o objetivo geral de observar a sexualidade de crianças em uma pré-escola e intervir oferecendo um espaço de diálogo, reflexão e esclarecimento sobre sexualidade na infância. Mais especificamente, o objetivo foi registrar e descrever as atitudes sobre sexualidade de crianças e de educadores na pré-escola além de possibilitar que os educadores elaborassem um trabalho de educação sexual intencional junto a crianças a partir das observações. Indiretamente este projeto pretendeu contribuir para que os professores pudessem mudar de atitudes diante da sexualidade de seus alunos.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS: TRAJETÓRIA DO PROJETO

A realização deste projeto ocorreu no ano de 2009 junto a uma escola universitária de educação infantil, com anuência da Coordenadora. Questões éticas foram respeitadas em todas as etapas do projeto e, para o uso dos dados, obtivemos aprovação do Comitê de Ética (Processo n.1762/46/01/08) do local, bem como consentimento livre e esclarecido dos participantes.

Local: O projeto foi desenvolvido em uma pré-escola que conta com 7 educadoras, 6 grupos de crianças, sendo esses: Berçário (bebês até 2 anos), Grupo 2, 3, 4, 5 e 6 (sendo essas as idades correspondentes). A observação ocorreu em todos os ambientes da creche e as sessões de intervenção em uma sala reservada, na própria escola.

Participantes: Sete professoras, com idades variando entre 26 a 38 anos, que atuavam entre um a quinze anos como professoras na educação infantil. Na observação, todas as crianças da pré-escola participaram e, na intervenção, foram 20 crianças entre 5 e 6 anos de idade.

Procedimento: O projeto foi realizado em duas etapas. Primeiro ocorreu uma observação livre das crianças em interação com as professoras no ambiente da escola. Em segundo lugar, ocorreu uma proposta de intervenção em educação sexual junto às professoras e às crianças.

As observações livres aconteceram sistematicamente num período de um mês, revezando-se os horários de permanência de 8 horas semanais na escola, garantindo-se o registro de diversas situações: alimentação, banheiro, soninho, parque livre e sala de aula. Ao final do dia, as observadoras registravam em planilhas os comportamentos e verbalizações que diziam respeito à sexualidade, anotando-se o comportamento funcional, isto é, o que ocorria antes, durante e depois de algum comportamento, tanto por parte das crianças, quanto das educadoras.

A formação para as educadoras tinha o objetivo de esclarecer dúvidas sobre o assunto e oferecer questões teóricas sobre desenvolvimento e educação sexual na infância para as professoras. Esta formação aconteceu na própria escola, em horário definido previamente, em quatro encontros de uma hora e meia cada um. As estratégias metodológicas utilizadas foram recursos de dinâmica de grupo, textos reflexivos e discussões dialogadas.

A partir desta formação, elaboraram-se ações específicas para as professoras e as autoras deste trabalho realizem com as crianças.

RESULTADOS

Atitudes sobre sexualidade observadas na pré-escola

A observação sistemática, com as crianças com idade entre 3 e 6 anos, foi realizada para conhecer o cotidiano da instituição e a realidade em que seria proposta a intervenção, a interação educador-criança e criança-criança e identificar quais eram as dúvidas e manifestações sexuais das crianças. Várias situações foram registradas e organizadas nas categorias de análise descritas a seguir:

Atitudes das Professoras

Atividades e brincadeiras diferenciadas pelo gênero: Para os meninos, geralmente, havia brinquedos e jogos de natureza agressiva tais como lutas, monstros, heróis, armas e guerras. Para as meninas, envolvendo principalmente atividades domésticas, os brinquedos foram a boneca, a casinha e aqueles que envolviam cuidados com a beleza, como maquiagem, por exemplo.

Incentivo constante à vaidade e à estética feminina: Além das brincadeiras envolvendo utensílios de beleza, foi possível notar uma preocupação constante por parte das educadoras com a aparência das meninas, que eram estimuladas através de gestos e comentários a estarem sempre arrumadas, bonitas, enfeitadas, com o cabelos e as roupas no lugar. Eram freqüentes também falas das educadoras sobre a preocupação de que as meninas engordassem, além de ameaças como: "cuidado, assim você terá celulite".

A indisciplina mais tolerada entre os meninos: Quando os meninos jogavam e quebravam brinquedos; brigavam, gritavam e se agrediam entre si, na fala deles e mesmo nas intervenções das educadoras era possível notar a naturalização desses comportamentos de indisciplina, sendo considerados "coisas de homem".

Vigilância das educadoras contra a homossexualidade: As professoras tentavam evitar o contato corporal entre as crianças, quando elas se abraçavam, trocavam carinho ou se observavam e tocavam o corpo uma das outras com curiosidade e prazer. Esta atitude de reprovação foi mais forte em relação aos meninos, cujos contatos corporais foram mais repreendidos. As professoras pareciam preocupadas com uma suposta homossexualidade.

Atitudes observadas entre as crianças

Curiosidade e interesse sobre o corpo e a sexualidade: As diferenças entre meninos e meninas, a gravidez e a reprodução, foram motivos de perguntas, comentários, curiosidade e interesse, principalmente entre as crianças dos grupos 3 e 4. Já nos grupos 5 e 6, esses temas foram, muitas vezes, motivos de piadas. Por exemplo, bastava um



aluno gritar alguma palavra sexual, como “pinto”, para que os amigos rissem muito. Houve também provocações, como quando as crianças apertavam os mamilos umas das outras dizendo “peitinho” (brincadeira aprendida em um programa de televisão), ou levantavam a camiseta e começavam a cantar: “Eu não tenho teta, eu não tenho teta”. Provavelmente esse tipo de comportamento ocorria porque as crianças aprendiam que dúvidas sobre a sexualidade e o corpo constrangiam as professoras e, muitas vezes, geravam silêncio ou repreensão. Um exemplo de como as crianças compreendiam que a sexualidade era um assunto “proibido” é que, antes das aulas de educação física, elas costumavam colocar bolas de diferentes tamanhos por baixo da blusa, dizendo que estavam “grávidas” e que tinham “peitões”. Nessas situações, uma das crianças se encarregava de vigiar e avisar quando um adulto estaria se aproximando e todas tiravam as bolas rapidamente para evitar uma repreensão.

Descoberta do corpo em situação como o banho e o uso do banheiro: O banho de ducha ao ar livre ocorria em dias de muito calor. Como as crianças poderiam, nessas ocasiões, usar biquínis, sungas, cuecas e calcinhas, elas expressavam alegria e curiosidade por ser um momento em que as regras eram mais permissivas em relação à nudez. As reações de surpresa eram, principalmente, das crianças menores, expressas através de falas como: “Ele está de cueca!”, “Dá pra ver o pipi dele!”, “Tô pelada!”. As crianças mais velhas expressavam com mais frequência reações de timidez, se enrolando e se cobrindo com as toalhas e resistindo para se trocarem diante dos demais. As brincadeiras sexuais eram constantes, como em situações de troca consensual de toques e olhares: “Eu te mostro meu biquíni se você mostrar o seu!”. É comum, por exemplo, os meninos comentarem que os pênis encolheram e mostrarem uns para os outros, rindo. Na hora de se ensaboarem e se secarem, as crianças tocavam e exploravam os próprios corpos.

Expressão da sexualidade no uso dos brinquedos e brincadeiras: A curiosidade sobre o corpo também surgiu nas brincadeiras, como, por exemplo, quando trocavam as roupas de bonecas como *Barbies* e comentavam, com reações de surpresa (“Nossa, a perereca dela é lisa”), de curiosidade (“Que gosto será que tem?”) ou de risos e/ou expressões de nojo (“Eca, ele lambeu!”) e, ainda, de um certo desconforto e punição reproduzidos com os personagens: “Ken, não pode ficar com a bunda de fora, veste essa roupa logo!”.

Uso de palavrões, palavras e expressões sexuais próprias de adultos: Palavrões eram usados com frequência pelas crianças, mesmo sem compreender o que estavam dizendo, como em uma situação em que um aluno contou para os outros “Aí o homem coloca o pinto da buceta da mulher que fica molhadinha”, reproduzindo um diálogo que provavelmente foi ouvido de adultos, diretamente ou de filmes.

A mídia reforçando estereótipos sexistas e erotismo: Nos diálogos entre as crianças ocorreram comentários sobre programas de televisão e, nessas situações, as crianças discutiam padrões de feminilidade e de beleza quando conversavam sobre quais das dançarinas de funk vistas em um programa era a mais “gostosa”. Também cantavam e dançavam músicas com conotação depreciativa para a mulher. Uma dança erotizada foi reproduzida por uma criança que se cobriu com a toalha e começou a tirá-la lentamente, cantando, enquanto os meninos assistiam, atentos e curiosos.

Preocupações com a estética e o corpo: A preocupação com o corpo e a beleza pode ser notada em situações como brigas em que xingamentos como “gorda” ou “feia”



eram dirigidos principalmente para as meninas. Embora essa preocupação tenha sido mais freqüente entre as meninas, ela também foi registrada entre os meninos, quando eles encolhiam a barriga, com força, para parecerem mais magros quando estavam trocando de roupa.

Manifestações de racismo e preconceito: Em brigas e discussões, comentários preconceituosos foram feitos para ofender, com teor racista, homofóbico ou machista, com palavras como *preto, veado e bicha*.

DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL

Formação das professoras e proposta de atividade com as crianças

A formação das professoras ocorreu com um minicurso que ofereceu um panorama teórico sobre sexualidade na infância. Todas as professoras participaram com interesse, contaram sobre situações do cotidiano da escola e esclareceram dúvidas. Em outro momento, foram realizadas reuniões, proporcionando discussões sobre propostas pedagógicas de orientação às crianças, elencando temas prioritários, objetivos para o trabalho, levantamento de recursos e procedimentos didáticos. A preocupação foi garantir o preparo das professoras para atuarem com seus alunos de maneira informada e ética. Também foi abordada a importância do diálogo das professoras com os pais, mães e familiares das crianças, tentando garantir uma educação sexual unificada e coerente.

Nas reuniões com as professoras, elaboraram-se propostas de atividades para crianças mais velhas da escola (idade média entre 5 e 6 anos), já que fora entre estas que a maior parte dos comportamentos tinha sido observados. Assim, de acordo com o tempo disponível e os objetivos propostos, a atividade escolhida em conjunto com as professoras foi a leitura do livro "Sexo Não é Bicho-Papão" ([RIBEIRO, 2006](#)), direcionado para a faixa etária dos alunos. Trabalharam-se os seguintes temas: família, diversidade, gênero, corpo humano, relação sexual, gravidez e nascimento/parto. Com recursos didáticos e lúdicos para complementar a leitura do livro, como desenhos, pinturas, músicas, bonecos, brincadeiras e jogos, foi possível explorar de forma mais abrangente os conceitos das crianças, refletir e dialogar sobre eles; apresentar a sexualidade humana de forma natural e ampla; trabalhar o corpo humano como um sistema integrado, reconhecendo as partes do corpo e as diferenças entre meninos e meninas e abordar o tema das diferenças, questionando-se e desconstruindo-se comportamentos discriminatórios. Todos os grupos tiveram a oportunidade de realizar cinco encontros de uma hora e meia cada um. Os diferentes temas abordados foram os seguintes:

Família: A partir da leitura do livro, as crianças discutiram e refletiram sobre os diferentes tipos de famílias. A exemplo do protagonista da história, que conta eventos vividos por sua própria família e a família dos amigos, temas como separação, morte e saudade foram abordados, de modo que as crianças relataram suas experiências com suas famílias e as famílias que conheciam.

Respeito à Diversidade: O personagem do livro tinha amigos com diferentes características: meninos, meninas, brancos, negros, com deficiência física, deficiência visual, etc. Assim, a discussão sobre o respeito às diferenças foi estimulada e as crianças contaram sobre pessoas e histórias que conheciam. Um exemplo da influência da mídia



ocorreu quando uma das crianças disse que conhecia uma deficiente física, “a Luciana, da novela”. Foram também apresentados *slides* sobre as paraolimpíadas, descrevendo alguns jogos, o que despertou bastante o interesse das crianças.

Questões de Gênero: A história do livro, em que o pai e a mãe do personagem dividem tarefas domésticas e cuidados com os filhos, propiciou uma discussão sobre como era a divisão de tarefas também na casa das crianças. Questões como cuidar da casa, trabalhar fora, dirigir, cuidar das crianças, consertar coisas etc., foram mencionadas pelos alunos, que relataram não haver divisão rígida de tarefas nas casas em que moravam. Perguntas sobre o motivo dos meninos brincarem mais de carrinho do que as meninas, se tanto os homens quanto as mulheres podem dirigir e por que as meninas brincam mais de boneca que os meninos, se homens e mulheres podem cuidar dos filhos, foram respondidas pelas crianças com afirmações de que todos podem brincar com todos os brinquedos. Apenas um menino disse que havia brinquedos exclusivos de meninas, mas as próprias crianças argumentaram e desconstruíram essa opinião. Quando uma aluna disse que apenas meninas poderiam dançar *ballet*, as outras crianças responderam que já haviam visto meninos dançarem. Para aproveitar a discussão, o encontro seguinte foi iniciado com trechos do filme “*Billy Elliot*” e um vídeo com uma apresentação de *ballet* clássico. Foi também apresentada uma foto em que irmãs gêmeas estavam vestidas com roupas diferentes, uma com vestido e laço no cabeça e outra com roupas para jogar futebol. Diante das fotos, inicialmente as crianças disseram que uma delas era uma menina e outra o menino, e em seguida houve um debate. A conclusão a que as crianças chegaram é que não seria possível saber, já que meninos também usam cabelo comprido e meninas também jogam futebol, iniciando assim a discussão que o que diferencia meninos e meninas não são gostos, preferências e atividades, e, sim, diferenças anatômicas, que não devem determinar o que é possível ou proibido para cada gênero. Utilizamos também o jogo dos ímãs em que as crianças recebiam ímãs com diferentes objetos: lápis, boné, cinto, chaves, bola, boneca, brincos, carrinho, etc. e deveriam decidir e justificar em qual dos quadros colocariam os objetos: nos quatro quadros haviam um homem, uma mulher, um menino e uma menina. As crianças justificaram as escolhas de maneira bem criativa, sem apresentarem estereótipos rígidos de gênero, como quando o batom foi dado ao homem, já que “ele estava com a boca ressecada e precisava de manteiga de cacau” e as chaves foram dadas a mulher, já que “eram as chaves da moto dela”.

Corpo Humano e Diferenças Sexuais: Na história do livro, as crianças tomam banho com os pais, que explicam as diferenças entre meninos e meninas e dos corpos de crianças e adultos. Depois de ouvirem a história, que foi encenada com os bonecos da família sexuada, as crianças desenharam o que entenderam, nomeando as partes do corpo incluindo a vulva e o pênis. A atividade causou surpresa entre as crianças, que perguntavam: “Pode desenhar pelado mesmo?”. As crianças riram, ficaram agitadas e fizeram perguntas enquanto desenhavam.

Relação Sexual e Gravidez: O personagem do livro vê os pais fazendo sexo e pensa que estão brigando, então o pai explica que a relação sexual é uma forma que os adultos possuem de demonstrar carinho. Na história a mãe do personagem fica grávida, e os pais explicam o processo de reprodução. As crianças ouviram a história com atenção e depois coloriram as ilustrações do livro. Utilizou-se novamente os bonecos da família sexuada em que uma das bonecas fica grávida e também um quebra-cabeça de uma



mulher grávida que, montado em camadas, mostra o bebê no útero, a barriga da mãe e, por último, a mãe vestida. As crianças fizeram várias perguntas e comentários durante as atividades. Uma das alunas perguntou: “Mas por que quando eu falo com os adultos sobre isso, ninguém me responde?”. E outra relatou: “Quando os meus pais estão fazendo sexo e eu bato na porta, eles se vestem correndo para eu não perceber”. Após a explicação do livro, uma das alunas perguntou, confusa: “Mas não era um pássaro, como era o nome do pássaro mesmo?”, querendo se referir à cegonha.

Nascimento e Parto: As crianças estavam entusiasmadas para saber o final da história, em que nascia a irmã do personagem. Terminada a atividade, as crianças pediram para lermos toda a história novamente, enquanto encenavam com os bonecos da família sexuada. Também ouviram várias vezes e dançaram com a música “Nasceu!”, que faz parte do CD que acompanha o livro.

Em geral, as crianças participaram ativamente, demonstrando muita curiosidade e alegria na realização das atividades; fizeram muitas perguntas e comentários e as professoras puderam perceber a possibilidade e a importância de se trabalhar a questão de uma forma preparada e adequada.

DISCUSSÃO

Manifestações da descoberta do próprio corpo e do corpo dos outros nos jogos sexuais são frequentes na infância e ocorrem de forma prazerosa e repleta de aprendizagem ([MAIA; MAIA, 2005](#); [RIBEIRO, 1996](#); [SILVA, 2007](#)). No dia-a-dia da escola, foram comuns situações em que as crianças pediam para ver o corpo uma das outras, observavam-se trocando de roupa, pediam para irem juntas ao banheiro ou escondiam-se embaixo da mesa para trocarem carinhos e toques. Ao contrário da interpretação algumas vezes dadas pelos familiares e educadores, tal curiosidade com o corpo não está relacionada com as fantasias e intenções adultas, e, sim, com a aprendizagem e descoberta envolvidas na exploração e no conhecimento do próprio corpo, do corpo do outro e das diferenças. O interesse e a exploração mútua dos órgãos genitais, por exemplo, são motivados mais pela curiosidade que pela sensualidade. Os jogos sexuais com crianças da mesma faixa etária proporciona sensações corporais prazerosas, o contato corporal lúdico é carregado de afetividade, descoberta e aprendizagem. Por outro lado, foi possível também notar que, nessas brincadeiras sexuais, as crianças reproduzem o controle que sofrem ([CAMARGO; RIBEIRO, 1999](#)), como quando repreendem a nudez de um boneco com tapas e dizendo que é feio e errado ficar pelado, evidenciando como as regras repressivas dos adultos são internalizadas e também a surpresa e o estranhamento quando essas regras são quebradas temporariamente, como no momento do banho coletivo, em que podiam usar poucas roupas e conhecer mais do corpo um dos outros.

Também, acompanhando as atividades das crianças, principalmente das brincadeiras, foi possível notar a evidente diferenciação de gênero e a reprodução de padrões hegemônicos sexistas que elas observam nos adultos. [SILVA \(2007\)](#) afirma que é por meio das brincadeiras que as crianças vivenciam conflitos, expressam sentimentos e vivem diferentes papéis na fantasia. No parque, as crianças brincavam principalmente



na casinha, reproduzindo situações familiares como cozinhar, comer, assistir televisão, limpar, ir e chegar do trabalho, cuidar das crianças, discutir, brigar, e, também, demonstravam afeto através de beijos e toques, imitando nas brincadeiras o momento em que os pais iam dormir e eram encenados abraços e contatos corporais. A diferença social de gênero foi mais evidente no grupo das crianças mais velhas, o grupo 6, em que algumas vezes as meninas tinham que insistir para que algum menino fizesse o papel de pai na brincadeira, enquanto no grupo 3, por exemplo, os meninos não só participavam e gostavam muito dos jogos que reproduzem situações familiares como pediam para brincar com as bonecas das meninas (já que geralmente eles não têm as próprias bonecas) enquanto elas faziam outras atividades pelo parque. Desta forma, podemos observar que os estereótipos de gênero vão se tornando mais rígidos com o passar das idades, como afirmaram [Reis \(2008\)](#) e [Facco \(2009\)](#).

Do mesmo modo, [Whitaker \(1995\)](#), [Maia \(2005\)](#), [Louro \(2009\)](#), [Guerra \(2005\)](#), [Facco \(2009\)](#), [Ribeiro \(2002\)](#), [Felipe e Bello \(2009\)](#) afirmam que os modelos de gênero são impostos desde a infância e a escola tem um papel muito importante nessa função como, por exemplo, quando definem que algumas situações devem ser separadas por sexo tais como filas, atividades físicas, brinquedos e brincadeiras etc. A naturalização dos padrões sexistas impostos pela educação precisa urgentemente ser reconhecida e problematizada pelas práticas pedagógicas vigentes. Foi comum a tolerância de professores quanto a comportamentos de meninos, tais como indisciplina, recusa ao cumprimento das tarefas, uso de palavrões, agressão de uns contra outros, desrespeito entre si e para com a professora. A forma como essas atitudes foram naturalizadas como próprias do “masculino” se evidenciou na fala de um dos alunos, que, ao responder à professora sobre o motivo de não fazer o que ela pedia, disse: “Porque você é uma mulher!”.

Os brinquedos dos meninos, com uma grande frequência, remetiam à agressividade e à violência, geralmente incluindo lutas, armas, guerras, super-heróis lutando contra monstros, policiais contra bandidos, exércitos contra exércitos etc. Já as meninas agiam de forma mais dócil e passiva, elogiadas por estarem comportadas e bem arrumadas. A forma como a preocupação com a beleza estava presente nas brincadeiras pode ser ilustrada pela frequência com que as meninas brincavam de fazer compras no shopping e ir ao salão de beleza. Com as bochechas e os lábios lambuzados de maquiagem, ainda se preocupavam em se manterem arrumadas, evitando brincar no parque com medo de borrar a maquiagem e perder os cosméticos pela areia. Há crianças que não participavam das aulas de educação física e das brincadeiras no parque, pois seus brincos e pulseiras eram muito grandes e as sandálias desconfortáveis, de salto. Uma aluna, em especial, adorava vestir sutiãs e dizia que ia pedir de aniversário uma cirurgia plástica para colocar seios. Em uma brincadeira, uma das crianças encheu um carrinho com muitas notas de dinheiro de brinquedo, colocou o Ken dirigindo e a Barbie dizendo: “Agora, sim, eu namoro com você!”. Pode-se afirmar que estas situações ilustram a influência de adultos e de modelos midiáticos que colocam as crianças como um grande mercado consumidor alvo da publicidade, oferecendo padrões de comportamento e de beleza associados ao consumo ([OUTEIRAL, 2007](#)).

O erotismo e o consumismo reproduzidos na escola pela influência dos meios de comunicação de massa reforçam o argumento de [Maia e Maia \(2005\)](#) de que a escola deveria incluir em seu currículo uma crítica à indústria cultural, dialogando com as



crianças sobre os preconceitos e estereótipos veiculados com interesses econômicos diversos. Crianças são capazes de questionar e refletir o que vêem, indo além de reproduzir padrões. O papel do educador, ainda segundo os autores, é criar um ambiente apropriado para a reflexão e a estimulação do pensamento crítico sobre o que se vê e o que se ouve. Daquilo que se observou, notou-se que havia certa omissão e silêncio dos educadores que, nessas situações, reforçavam os estereótipos.

Segundo [Facco \(2009\)](#), a escola se situa de modo privilegiado na produção e disseminação de ideologia, por atingir uma grande parte da população por um período prolongado de tempo. Espera-se que, na escola, as crianças e jovens aprendam a corresponder ao que é esperado deles, aos modelos e padrões impostos socialmente, mas essa incorporação do que seriam os modelos “normais” acaba por estimular a discriminação aos “diferentes”, transmitindo e naturalizando preconceitos e estereótipos num processo carregado de muita violência simbólica.

Pode-se dizer que, embora as crianças vejam no cotidiano pessoas negras, deficientes, gordas, pobres, homossexuais e de diferentes religiões, é mais comum presenciarem, entre os adultos, xingamentos, piadas e falas ofensivas sobre os diferentes grupos. As crianças reproduzem esses comportamentos dos adultos, muitas vezes, sem compreender o que estão repetindo. Nas observações feitas na escola, as crianças usavam expressões como “macaco”, “preto”, “gorda”, “baleia”, “baranga”, “veado” e “bicha” para agredir e ofender. Estas situações corroboram o que diz [Facco \(2009\)](#), ao defender que as discussões sobre o preconceito e o respeito às diferenças devem ter início desde os primeiros anos na escola, já que as crianças são expostas desde muito novas a formas violentas de discriminação e intolerância.

[Louro \(1997; 2009\)](#), [Facco \(2009\)](#), [Sabat \(2003\)](#) destacam sobre como a discriminação contra homossexuais costuma ser aceita e até mesmo incentivada, principalmente na educação dos meninos, já que o desprezo e a repulsa à homossexualidade são vistos culturalmente como sinais de virilidade. Assim, os meninos são ensinados a demonstrar ironia, depreciação e deboche diante de comportamentos ditos “efeminados”, reforçando a heteronormatividade, isto é, a heterossexualidade colocada como única forma natural, aceita e válida de relacionamento. Assim, além de expressões homofóbicas serem freqüentes em brigas e discussões, como já dissemos, foram presenciadas situações em que um aluno pegou um urso cor-de-rosa e jogou no chão, com força, dizendo: “Esse urso é um urso *gay*”. Além do comportamento das crianças, foi recorrente a vigilância e o controle, justificados como se fossem “cuidados” que as professoras tinham com relação às brincadeiras entre meninos que envolvessem contato corporal, como por exemplo, nas aulas de educação física, em que as professoras ficavam apreensivas com o excesso de abraços e toques entre os meninos comemorando um gol. Houve um episódio na escola em que as educadoras comentavam entre si o quanto estavam incomodadas e até mesmo horrorizadas porque os garotos do grupo 5 estavam se beijando. Ao observar as brincadeiras entre eles, foi possível notar que, quando brigavam, um menino ameaçava beijar o outro, como forma de provocação, com uma conotação pejorativa, o menino que fosse beijado recuava, assustado, pois se isso acontecesse ele seria humilhado. Ou seja: as crianças, mesmo tão pequenas, já entendiam que ser chamado de homossexual era uma ofensa, uma humilhação, e as professoras, além de não perceberem a agressividade e a violência contidas nessa situação, encaravam o comportamento como um possível “perigo” de uma futura



homossexualidade. Essas atitudes das crianças e das professoras também figuram em estudos de [Afonso \(1995\)](#), [Finco \(2003\)](#), [Ribeiro, Souza e Souza \(2004\)](#) e [Sayão \(2002\)](#).

Segundo [Facco \(2009\)](#), os preconceitos e estereótipos já estão tão naturalizados em nossa cultura que muitas vezes são reproduzidos de forma inconsciente. Muitas vezes os educadores ficam em silêncio, acreditando manter assim uma postura de “neutralidade”, sendo que, na verdade, esta é uma forma de conivência com o comportamento discriminatório. Assim, buscamos problematizar também junto às educadoras situações em que, por meio de comentários e atitudes, elas reproduziam ou reforçavam comportamentos preconceituosos.

No decorrer do projeto, as professoras foram bastante receptivas, dispostas a conversar sobre o tema, relatar as situações presenciadas e se esforçar para seguir as orientações e mudar algumas atitudes que percebiam ser prejudiciais para as crianças. Ainda assim, foi possível perceber que, apesar do esforço para não repreender os alunos e não transmitir a eles a mensagem de que a sexualidade era algo errado e proibido, ainda se presenciaram o embaraço que sentiam ao lidar com algumas situações, o constrangimento e a dificuldade de superar os próprios valores.

Autores como [Figueiró \(2009\)](#), [Maia e Maia \(2005\)](#), [Ribeiro \(1990\)](#), [Ribeiro \(2002\)](#) têm argumentado que uma das principais dificuldades na formação de educadores sexuais é a necessidade de que eles próprios revejam e reflitam sobre a sua própria educação e concepções sobre sexo e sexualidade. Não foram adotadas medidas objetivas de avaliação para registrar a mudança de atitude desses professores. Esperava-se, com o projeto, que as professoras se sentissem mais preparadas para atuar com a educação sexual intencional e isso nos pareceu um resultado satisfatoriamente obtido. No entanto, somente após o encerramento do projeto e, a longo prazo, será possível perceber indicativos nessa direção.

Com o projeto de formação continuada, através do constante diálogo com as educadoras, buscamos escutá-las e levá-las a refletir sobre os motivos das dificuldades e as formas de trabalhar com elas. A visão dos alunos como “tarados” e o grande desconforto gerado em situações como as de masturbação infantil, jogos sexuais, curiosidade dos alunos pelo corpo um dos outros, perguntas e palavrões, precisa ser trabalhada de forma contínua, reconhecendo que essa concepção foi construída e fortalecida por uma educação repressiva, e que a associação da sexualidade à culpa, ansiedade e angústia é ainda uma visão predominante na nossa cultura, apesar da aparente “liberdade sexual”.

As perguntas e comentários que as crianças fizeram ao serem discutidas questões como família, gênero, corpo humano, concepção, gravidez e nascimento foram bastante ilustrativas sobre como esses temas estavam presentes no cotidiano e como elas consideravam importante poder falar sobre o assunto. O uso de histórias, figuras, bonecos, desenhos, músicas e brincadeiras foram importantes para esclarecer as crianças através de uma linguagem que elas pudessem compreender, sem recorrer a analogias fantasiosas, explicando de forma simples, imediata, direta e com informações verdadeiras ([MAIA; MAIA, 2005](#); [RIBEIRO, 1996](#); [SILVA, 2007](#)).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na elaboração deste trabalho buscou-se reforçar a importância de a escola adotar um diálogo franco sobre a sexualidade na infância, numa linguagem clara e objetiva, para esclarecer as informações distorcidas, repletas de preconceitos e estereótipos, que as crianças recebem de diversas formas como a mídia, a conversa com outros colegas da mesma idade ou não e, eventualmente, também de familiares. Por meio das atividades realizadas em conjunto com as professoras, foi possível ilustrar como abordar o assunto de forma informativa, pedagógica e lúdica para levar as crianças a esclarecer suas dúvidas, conversar sobre curiosidades e questionar e desconstruir idéias e atitudes de discriminação.

Assim, a sexualidade deixou de pertencer ao campo do “proibido” e do “errado” e passou a ser abordada de forma natural e ampla, possibilitando o desenvolvimento de um pensamento crítico e emancipatório que será fundamental para as experiências presentes e futuras, na vida adolescente e adulta.

A receptividade e a disposição das professoras para conversar sobre o tema, relatar as situações presenciadas e buscar desconstruir atitudes que perceberam ser prejudiciais, aliadas à participação ativa das crianças, que demonstraram curiosidade e alegria na realização das atividades, foram pontos muito positivos deste trabalho. A formação continuada das professoras permitiu que questões como sexualidade, corpo humano, gênero e discriminação fossem abordadas de forma pedagógica, informativa e ética, ilustrando a possibilidade e a importância de trabalhar com o tema desde a educação infantil.

REFERÊNCIAS

[AFONSO](#), Lúcia. Gênero e processo de socialização em creches comunitárias. **Cadernos de Pesquisa**, Campinas, n. 93, p. 12-21, maio 1995.

[BRASIL](#). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília, DF, 1998.

[CAMARGO](#), Ana Maria Faccioli; [RIBEIRO](#), Cláudia. **Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999.

[EGYPTO](#), Antônio Carlos. Orientação Sexual nas Escolas Públicas de São Paulo. In: [JUNQUEIRA](#), Rogério Diniz. (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2009. p. 341-353. (Coleção Educação Para todos, v. 32)

[FACCO](#), Lúcia. **Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil**. São Paulo: Summus, 2009.



[FELIPE](#), Jane; BELLO, Alexandre Toaldo. Construção de comportamentos homofóbicos no cotidiano da educação infantil. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2009. p. 141-157. (Coleção Educação Para todos, v. 32).

[FIGUEIRÓ](#), Mary Neide Damico. **Educação sexual**: múltiplos temas, compromissos comuns. Londrina: UEL, 2009.

[FINCO](#), Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pró-Posições**, Campinas, v. 14, n. 3 (42), p. 89-101, set./dez. 2003.

[FURLANI](#), Jimena. **O bicho vai pegar!** - um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

[GUERRA](#), Judith. **Dos "Segredos Sagrados"**: gênero e sexualidade no contexto de uma escola infantil. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

[LOURO](#), Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2009. p. 85-93. (Coleção Educação Para todos, v. 32).

[MAIA](#), Ana Cláudia Bortolozzi. A educação sexual repressiva: padrões definidores de normalidade. In: SOUZA, C. B. G.; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.). **Sexualidade, diversidade e culturas escolares**: contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores. Araraquara: FCLar-UNESP Lab. Editorial; Alcalá de Henares: UAL, 2008. p. 67-83.

_____; MAIA, Ari Fernando (Org.). **Sexualidade e infância**. Bauru: Unesp; Brasília, DF: MEC, 2005. (Cadernos Cecemca).

_____; SPAZIANI, Raquel Batista. Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 68-84, jan./jun. 2010.

[NOLASCO](#), Sócrates. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

[OUTEIRAL](#), José Ottoni. Educar nos tempos de hoje. In: SILVA, M. C. P. (Org.). **Sexualidade começa na Infância**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 27-48.



[REIS](#), Kellen Florentino dos. **Infância, gênero e estereótipos sexuais**: análise do relato de mães de crianças de 3 a 6 anos. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2008.

[RIBEIRO](#), Cláudia. **A fala da criança sobre sexualidade humana: o dito, o explícito e o oculto**. Lavras: Universidade Federal de Lavras; Campinas: Mercado de Letras, 1996.

[RIBEIRO](#), Marcos. **Sexo não é Bicho Papão**. Rio de Janeiro: Zit Editora, 2006.

[RIBEIRO](#), Paulo Rennes Marçal. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: E. P. U, 1990.

[RIBEIRO](#), Paula Regina Costa. **Inscrevendo a sexualidade**: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do ensino fundamental. 2002. Tese (Doutorado em Bioquímica) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

[RIBEIRO](#), Paula Regina Costa; [SOUZA](#), Nádia Geisa Silveira; [SOUZA](#), Diogo Onofre. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 109-129, jan./abr. 2004.

[SABAT](#), Ruth. **Filmes infantis e a produção performativa da heterossexualidade**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

[SAYÃO](#), Deborah Thomé. A construção de identidade e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 5, p. 1-14, jul. 2001/jun. 2002.

[SAYÃO](#), Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: [AQUINO](#), José G. (Org.) **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

[SILVA](#), Maria Cecília Pereira. **Sexualidade começa na infância**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

[WHITAKER](#), Dulce Consuelo Andreatta. Menino-Menina: sexo ou gênero? In: [SERBINO](#), Raquel Volpato; [GRANDE](#), Maria Aparecida Rodrigues de Lima. (Org.) **A escola e seus alunos**: o problema da diversidade cultural. São Paulo: Editora da Unesp, 1995. p. 31-52.

[WOLFF](#), Carlos Castilho. **Como é ser menino e menina na escola**: um estudo de caso sobre as relações de gênero no espaço escolar. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.